



A tribo e o feiticeiro: uma radiografia sobre o giro político e intelectual de Mario Vargas Llosa

Francisco de Assis Kuhn Magalhães¹
Leonardo da Rocha Bezerra de Souza²

Resumo

Um livro de Mario Vargas Llosa, dedicado a reconstruir e exaltar o legado de alguns de seus pensadores liberais preferidos, chamou a atenção do intelectual argentino Atilio Boron. O bastante para que construísse uma obra-resposta ao laureado romancista peruano, que tem sido muito ativo enquanto propagandista da direita latino-americana. Nos dez capítulos de “El Hechicero de la Tribu: Mario Vargas Llosa y el liberalismo en América Latina”, Boron examina a forma como o pensamento de cada uma das referências de Llosa é apresentada; aponta contradições, omissões, e busca fazer uma radiografia da sua inflexão política.

Palavras chave: Mario Vargas Llosa, Literatura e Política, Atilio Boron, Liberalismo na América Latina.

La tribu e el hechicero: una radiografia del giro político e intelectual de Mario Vargas Llosa

Resumen

Un libro de Mario Vargas Llosa, dedicado a reconstruir y ensalzar el legado de algunos de sus pensadores liberales favoritos, llamó la atención del intelectual argentino Atilio Boron. Suficiente para generar una obra de respuesta a las tesis del laureado peruano, quien ha sido muy activo como propagandista de la derecha latinoamericana. En los diez capítulos de “El Hechicero de la Tribu: Mario Vargas Llosa y liberalismo en América Latina”, Boron examina la forma en que se presenta el pensamiento de cada una de las referencias de Llosa; señala contradicciones, omisiones, y busca tomar una radiografía de su inflexión política.

Palabras clave: Mario Vargas Llosa, Literatura e Política, Atilio Boron, Liberalismo en América Latina.

¹ Bacharel em Administração Pública e Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. franciskodeassis@yahoo.com.br

² Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. lrb.souza@gmail.com

The tribe and the sorcerer: a radiography on the Mario Vargas Llosa's political and intellectual inflexion

Summary

A book by Mario Vargas Llosa, dedicated to reconstructing and extolling the legacy of some of his favorite liberal thinkers, caught the attention of the Argentinian intellectual Atilio Boron. Enough to generate a work in response to the thesis of the Peruvian Nobel laureate, who has been very active as a propagandist for the Latin America's right-wing. In the ten chapters of "El Hechicero de la Tribu: Mario Vargas Llosa y liberalismo en América Latina", Boron examines the way in which the thought of each of Llosa's references is presented; points out contradictions; omissions, and seeks to take a radiography of its political inflection.

Key words: Mario Vargas Llosa, Literature and Politics, Atilio Boron, Liberalism in Latin America.

Jorge Mario Pedro Vargas Llosa (VLI) é um dos mais prestigiados escritores do mundo, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 2010, ocupa lugar central na literatura latino-americana. O impacto de sua produção transcendeu o subcontinente e chegou ao mundo cultural da antiga metrópole espanhola. O intelectual peruano nascido na cidade de Arequipa, em 1936, é conhecido por seu envolvimento com a política desde os tempos de juventude, é histórico o seu destemor em expressar publicamente suas posições. Além das obras literárias, no Brasil, ele tem se destacado pelas contribuições ao jornalismo, através de colunas que assina em jornais importantes como *O Estado de São Paulo* e *El País* (Brasil), entre outros. Para além do público em geral, Llosa, por meio de uma ativa disseminação de suas análises de conjuntura, contribui na formação da visão de mundo de colunistas e comentaristas políticos locais. Também influencia lideranças ligadas a movimentos de orientação liberal e neoliberal³ no país.

Apesar do envolvimento com o partido comunista de seu país, durante sua juventude, enveredou em direção às ideias de direita. A mudança de posição política de Llosa, cujo ponto de inflexão pode ser notado no final da década de 1970, já é algo conhecido por quem o acompanha ou compartilha dos mesmos espaços nos debates públicos. Para gerações mais novas – não restritas ao universo de leitores cativos, o escritor peruano pode ser caracterizado

³ Nessa resenha tomamos o conceito de liberalismo (originado no século XVIII), como sendo uma corrente de pensamento social, político e econômico que engloba o neoliberalismo. Llosa assume a defesa dos ideais advindos do liberalismo, embora suas posições políticas possam ser associadas mais precisamente ao neoliberalismo. Aqui não buscamos enquadrar o escritor peruano como defensor de uma ou de outra vertente conceitual, mas sim demonstrar como o sociólogo Atilio Boron (2019) tratou do giro político e intelectual realizado por Llosa.

como uma das principais referências no pensamento de direita latino-americano. Por meio de artigos em periódicos, entrevistas, presença em eventos organizados por sua própria fundação, entre outros meios, Vargas Llosa dá combate às ideias de esquerda, desde as mais moderadas às mais radicais. Dentre estas, o marxismo desfruta de preferência em sua alça de mira. Foi um dos mais ativos detratores políticos do falecido presidente venezuelano Hugo Rafael Chávez Frias, e um dos mais notáveis apoiadores públicos da deposição do presidente boliviano Evo Morales Ayma. Uma das polêmicas mais recentes em que esteve envolvido foi quando acusou o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, de populista e de demagogo.

Em 2019 foi lançado no Brasil o livro “O chamado da tribo: grandes pensadores para nosso tempo”, publicado originalmente em espanhol no ano de 2018. Nele, Vargas Llosa se propõe a traçar o que define como uma autobiografia intelectual e política, por meio da descrição de uma jornada íntima, com suas buscas, encontros e decepções. Isso serve de gatilho para a exaltação histórica de sete importantes pensadores liberais, onde o descritivo não deixa de ser entremeado por uma série de reflexões, decorrentes de suas experiências. O livro de Llosa foi a provocação necessária para que o intelectual argentino Atilio Boron se dedicasse a lançar uma espécie de resposta. No primeiro semestre de 2019 foi lançado o livro “El Hechicero de la Tribu: Mario Vargas Llosa y el liberalismo en América Latina”. Neste, ao longo de dez capítulos, mapeia aspectos da trajetória política do destacado escritor, em combinação à proposta de efetuar um exame minucioso; radiográfico, sem abrir mão da ironia, acerca de como o ideário deste é concatenado às citações dos sete pensadores liberais destacados um a cada capítulo.

Atilio Alberto Boron é cientista político e sociólogo, com doutorado em Ciência Política pela Universidade de Harvard (EUA). Tem extensa carreira de pesquisador, já foi vice-reitor da Universidade de Buenos Aires (UBA) entre 1990 e 1994. Também ocupou o cargo de secretário executivo do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) entre 1997 e 2006, segue lecionando, pesquisando e participando de eventos internacionais. Atualmente ocupa o cargo de diretor do Centro de Complementação Curricular da Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade Nacional de Avellaneda (UNDAV). Foi a partir dessa arquitetura montada por Llosa que o sociólogo construiu sua crítica desveladora acerca do papel exercido pelo peruano como propagandista do modelo político e econômico neoliberal.

Boron empreende o mesmo trajeto do peruano para construir seu trabalho, a proposta, segundo ele, não é a construção de uma biografia não autorizada, mas de uma “radiografia em

movimento” de sua metamorfose política (Boron, 2019: 17). Nos capítulos 1 e 2, ele realiza uma contextualização da formação política de VLI, destacando aspectos importantes das conjunturas com as quais este vem se envolvendo desde sua juventude, passando pela atuação intelectual, até sua derradeira consolidação como voz do neoliberalismo, uma das mais ouvidas pela direita latino-americana. Nos demais capítulos, autor por autor, Boron apresenta e desmistifica a compreensão e/ou os equívocos do peruano, seguindo a presente estrutura: Cap. 3, Adam Smith; Cap. 4, Ortega y Gasset; Cap. 5, Friedrich von Hayek; Cap. 6, Karl Popper; Cap. 7, Raymond Aron; Cap. 8, Isaiah Berlin; Cap. 9, Jean-François Revel. Por último, no Cap. 10, o autor argentino realiza um balanço do neoliberalismo, em especial, na América Latina, contextualizando o papel de Llosa como divulgador dessa empreitada neoliberal.

No primeiro capítulo, o intelectual argentino procura explicar o porquê de ter escolhido rebater um livro que qualifica como um repertório de mentiras, sofismas e artimanhas retóricas (Boron, 2019: 13). A notoriedade, o trânsito entre lideranças do espectro da direita internacional, as relações com a monarquia espanhola (que lhe concedeu cidadania e o galardoou com o título de marquês) e o brilhantismo no manejo das palavras são alguns dos motivos que o colocariam no patamar de ser um dos maiores propagandistas mundiais do ideário liberal. De Adam Smith a Jean-François Revel, nenhum dos teóricos divulgados por Llosa dispôs do poder de massificação do qual dispõe o peruano (Boron, 2019: 14). O uso irônico do termo *hechicero* (feiticeiro, em português), para o título da obra, faz referência a uma espécie de magia contida na prosa de quem saberia fabular e mentir com elegância. Uma feitiçaria propriamente dita, destinada a modificar acontecimentos, dominar vontades alheias e exercer influência daninha nos seus destinos (Boron, 2019: 15).

O segundo capítulo, “Cuba, Thatcher e Reagan”, complementa a virada de Llosa e da América Latina em relação ao neoliberalismo global. Após a revolução cubana que ascendia à esperança, vem o desencanto assumido por Llosa, especialmente diante da condição política encontrada por ele na URSS, amparado também no ataque e na prisão do jornalista Herberto Padilla, que pode ser tomado como um estopim ou episódio simbólico no seu desencantamento. Esse caso vai ser analisado por Boron, enquadrando-o como um dos episódios que compõem a narrativa do peruano, mas que encontra sérias inconsistências. Na sua exposição, Boron comenta da influência de Margaret Thatcher (Reino Unido) e Ronald Reagan (EUA), o destaque parte de suas influências sobre o peruano, expondo os governos de ambos e a ação sobre a América Latina, com uma política de solidificação da economia e da política neoliberal, amparada pelos legados de crimes de guerra, os quais são suprimidos por

Llosa em sua exposição biográfico-intelectual. Para o analista argentino, a concepção de Estado e serviços públicos de Vargas Llosa o posiciona à direita de liberais como Milton e Rose Friedman (Boron, 2019: 48).

Ao confrontar a visão a respeito do filósofo e economista escocês Adam Smith (capítulo 3), retoma uma crítica que não é nova, mas que assume pertinência na medida em que as citações a Smith, sobretudo à sua obra mais famosa, “A Riqueza das Nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações” (SMITH, 1996), seguem sendo utilizadas nos discursos que defendem desregulamentações comerciais e retirada de direitos dos trabalhadores. O uso do termo “mão invisível” é conhecido quando se faz a defesa do livre mercado, por outro lado, Boron ressalta que Smith o emprega apenas duas vezes em seus escritos (Boron, 2019: 55). Para o politólogo, ainda que não tenha utilizado o termo “mão visível”, para nominar a atuação do Estado a favor dos capitalistas, Smith parece reconhecê-la quando aponta algumas discrepâncias. Enquanto a associação de trabalhadores, para organizar coletivamente a defesa de seus interesses, era proibida por lei, o mesmo não acontecia com as reuniões de proprietários, as quais, mesmo em ocasiões festivas, descambariam para conspirações em torno de aumentar preços e impedir o aumento de salários (Boron, 2019: 61). Para Boron, ao falar de Adam Smith, Mario Vargas Llosa dialoga, em realidade, com o pensamento de Margareth Thatcher, cujo governo foi marcado por privatizações e guerra aos sindicatos.

No quarto capítulo, enquanto José Ortega y Gasset, em suas críticas à esquerda, é comparado a um frio bisturi, Llosa é enquadrado em outro tipo de estilo, marcado pelo ódio de um renegado para com suas antigas crenças (Boron, 2019: 70). Elogiado por Llosa, Ortega y Gasset, criado em ambiente conservador, aponta a conquista das terras americanas como um processo de colonização épico e protagonizado pelo próprio povo espanhol (Boron, 2019: 72). A repulsa às massas, que não se mostra presente em Smith, encontra-se em Ortega Y Gasset, para a satisfação do escritor peruano (Boron, 2019: 76), ainda que este critique o espanhol por não fazer a devida defesa da liberdade econômica (Boron, 2019: 82). O afastamento em relação ao mestre também se mostraria quando abre mão de aplicar a crítica em relação à proliferação da vulgarização cultural. Do contrário, Llosa necessitaria entrar em confronto com a produção cultural dos monopólios midiáticos por onde transita (Boron, 2019: 80).

O economista austríaco Friedrich von Hayek é o tema do quinto capítulo, começando pelo elo de Hayek com a “contra-ofensiva liberal” que empolgou a Llosa. Nesse período, o austríaco tomou a dianteira no enfrentamento intelectual com a esquerda no período pós keynesiano. Boron não lança mão de relativizações ou complacência, a crítica é mordaz e

acompanhada de um batimento histórico, destinado a desmontar a relação entre liberdade e liberdade de mercado. Boron é incisivo na crítica às elaborações do austríaco, especialmente com os conceitos de “demarquia” e de “ditadura das maiorias”, que, segundo o sociólogo, seriam produtos da imaginação do economista e do romancista. Segundo ele, se existe ditadura nas democracias contemporâneas (que são, na verdade, “capitalismos democráticos”), seriam dos conglomerados transnacionais e das megaoperações. O sociólogo destaca a influência de Hayek sobre a ditadura de Augusto Pinochet no Chile, fazendo desse episódio um enlace com a recente declaração de Llosa sobre seu apoio a um possível Golpe Militar para a deposição de Nicolás Maduro na Venezuela, bem como com sua oposição e crítica radical ao então candidato à Presidência do México, André Lopez Obrador, acusando-o de demagogia. Ele então deixa a questão: “Se estas não são atitudes conservadoras, o que são? Fascistas?”⁴ (Boron, 2019: 106).

No sexto capítulo o personagem central é o filósofo Karl Popper que, além de influenciar o magnata George Soros, que utilizou o termo “sociedade aberta” para batizar sua própria rede de fundações, inspira Llosa com a problemática do “regresso à tribo” (Boron, 2019: 108), um desejo motivado pelo medo trazido pelas responsabilidades impostas pela liberdade. A insegurança faz com que os indivíduos, em seu impulso de regresso à tribo, embarquem em construções sociais coletivistas, marcadas pelo irracionalismo e por padrões antigos, num processo que termina por desaguar no totalitarismo (Popper, 2012). Em uma crítica ao historicismo, ao coletivismo e ao relativismo intelectual, Popper aponta três filósofos como inimigos da sociedade aberta: Platão, Georg Hegel e Karl Marx. Boron, entre várias críticas tecidas, ataca com acidez a postura de Popper, que colocaria os intelectuais como responsáveis pelas grandes calamidades humanas, desconsiderando dinâmicas muito mais complexas presentes ao longo do processo histórico. Com isso, aproveita para fazer a crítica a Vargas Llosa quando este louva “A Sociedade Aberta e Seus Inimigos” (Popper, 2012) e posiciona Karl Popper como o pensador mais importante de nossa época. Isso seria uma prova de que filosofia política não seria o forte do peruano (Boron, 2019: 121-122). Popper, que, ao contrário de seu seguidor, defendia mecanismo de controle da mídia televisiva, é ironicamente retratado como um serralheiro frustrado, que busca uma forma de abrir uma sociedade que, por definição, é fechada em sua estrutura de classes, com frestas cada vez mais estreitas para ascensão social (Boron, 2019: 124).

⁴ Tradução dos autores.

No sétimo capítulo é vez de discutir o papel de Raymond Aron sobre Llosa. Aron é prontamente anunciado por Boron como um dos grandes nomes do liberalismo, assim como é um destaque entre os intelectuais que conseguem conciliar a academia e a relação com o público. Boron menciona a ciência de Aron sobre sua participação nas investidas norte-americanas, em meio ao embate com a União Soviética, através do campo intelectual e da cultura. Boron realiza inúmeras crítica à obra “O ópio dos intelectuais” (1980), a exaltação desse livro, escrito em um período no qual Aron tomou parte de uma guerra cultural contra os soviéticos e seus aliados, não seria por acaso (Boron, 2019: 129-131). O sociólogo argentino aponta uma falta de profundidade em sua análise da esquerda, assim como em algumas questões que foram respondidas por pensadores como Norberto Bobbio, Karl Marx e Antonio Gramsci. Boron ainda nos fala sobre como VLI enxerga momentos importantes da história, cabendo destacar o Maio de 68, rechaçado pelo Nobel, que o critica por, segundo o mesmo, investir apenas sobre a liberação sexual e outros valores. Assim como Aron, Llosa sugere a revolução tecnológica como ponto chave para o desenvolvimento, o que é rebatido pelo sociólogo, que demonstra cabalmente a concentração de renda em um país como EUA onde há uma ampliação da riqueza dos mais ricos, apesar de ter a dianteira na produção tecnológica global. Boron rebate ponto a ponto essas hipóteses e finaliza recorrendo a autores como Gramsci, Chomsky e Said, acerca da função do intelectual.

O oitavo é dedicado discutir a relação entre o pensamento de VLI acerca do pensador letão-britânico Isaiah Berlin, um anticomunista e intelectual crítico às utopias sociais, como destaca Boron. Da mesma forma que Raymond Aron, Berlin tem seu passado de envolvimento com a guerra fria levantado pelo crítico argentino, fundamentalmente no que se refere ao envolvimento com espaços intelectuais e publicações ocidentais ligadas aos serviços de inteligência dos Estados Unidos, destinados a empreender uma guerra cultural contra os comunistas (Boron, 2019: 143). A exaltação, por parte de Berlin, de valores como tolerância e pluralismo é confrontada a partir de algumas de suas posições: o apoio à guerra empreendida pelos Estados Unidos contra o Vietnã, a aprovação de uma invasão à Cuba e a perseguição política empreendida por ele ao escritor Isaac Deutscher, quando este último estava para trabalhar na Universidade de Sussex, no Reino Unido (Boron, 2019: 144). Dentro da glosa à Llosa, destacando a questão das liberdades negativa e positiva de Berlin (1981), Boron critica a posição do arequipenho. Primeiro, diante de sua exaltação, a possível ampliação da liberdade negativa a partir de ditaduras como a de Augusto Pinochet no Chile, e depois com seu reconhecimento sobre os benefícios advindos da conquista desse tipo liberdade como a consciência social. Mas, em seguida, adverte para as inúmeras guerras cruéis que vêm por

meio da luta para conquistá-la, nesse sentido Boron questiona o peruano e consolida sua crítica ao capitalismo e a verdadeira possibilidade de exercício das liberdades.

No penúltimo capítulo, o sociólogo argentino comenta sobre o pensamento Jean-François Revel. Apesar de seu envolvimento com a esquerda durante um período, passou a atuar politicamente dentro dos marcos da guerra cultural contra os países do campo socialista em que atuaram Berlin e Aron (Boron, 2019: 160). Atílio Boron comenta que, ao tratar desse autor, o livro de Llosa “chega ao inferno”: se começa com o grande filósofo e economista Adam Smith, encerra um livro repleto de falácias, erros e sofismas com o panfletário Revel. A retomada de personagens e/ou dados, produzida por Boron, atesta a conduta de propagandista de Revel, comportamento assumido por VLI, que culmina em uma errônea interpretação de Gramsci por parte do Nobel, que atribui ao italiano a ideia de que a história é feita pela *intelligentsia*. O sociólogo rebate dizendo que essa afirmativa revela sua incompreensão, pois: “Esta [a história] é o produto do desenvolvimento — às vezes lento, outras acelerado — das contradições sociais, e onde o papel dos intelectuais, por importantes que sejam, está longe de convertê-los em demiurgos da história”⁵ (Boron, 2019: 172, grifo nosso).

No último capítulo, como se fizesse um embate presencial com Vargas Llosa, Boron faz o fechamento de sua crítica abordando um tema de fundo, recorrente e indissociável dos debates a respeito dos impasses da América Latina: a questão democrática. O politólogo argentino recorre ao passado e ao tempo presente para elencar uma série de desastres políticos, crises, golpes, guerras e predominância do capital financeiro em detrimento das populações nas decisões políticas para, na contramão da pregação de Llosa, vaticinar que o matrimônio entre liberalismo e democracia se trata de uma relação infeliz, destinada ao fracasso. Finaliza com a expectativa de que, num eventual novo ciclo latino-americano de governos progressistas, não sejam cometidos os mesmos erros perante uma direita que não aposta na democracia quando não está nos governos.

Em nenhum momento, não obstante a crítica impiedosa e o exame pertinaz, Atílio Boron deixa de reconhecer a capacidade literária de Mario Vargas Llosa. Para o autor de *El Hechicero de la tribu*, a maestria no uso das palavras é o que faz do marquês um dos maiores promotores do liberalismo no mundo, e o mais importante difusor desse ideário no mundo de fala espanhola. A contraposição feita por Boron, com as inevitáveis características de obra-espelho, não raras nesse tipo de embate, é uma análise detalhada, dedicada a refutar teses que são amplamente reproduzidas e massificadas pelos mais diversos meios de comunicação, com

⁵ Tradução dos autores.

destaque, nos últimos tempos, para o protagonismo de propagandistas presentes na *internet* (os chamados *youtubers* de direita), que, em sua atuação, não dispõem do brilhantismo intelectual de Llosa. É o caráter tempestivo e alicerçado na realidade, sobretudo latino-americana, que confere um caráter de universalidade ao *Hechicero de la Tribu* no campo dos embates políticos mais atuais.

Referências

ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. Brasília: Ed. UNB, 1980.

BERLIN, Isaiah. **Quatro ensaios sobre a liberdade**. Brasília: Editora UnB, 1981.

BORON, Atilio. **El hechicero de la tribu: Mario Vargas Llosa y el liberalismo en América Latina**. México: Akal, 2019.

LLOSA, Mario Vargas. **O chamado da tribo: grandes pensadores para nosso tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

POPPER, Karl. **A Sociedade aberta e seus inimigos: O Sortilégio de Platão**. Lisboa: Edições 70, 2012.

REVEL, Jean-François. **Como terminam as democracias**. Lisboa: Difel, 1984.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. Nova Cultural. São Paulo, 1996.